



# OS LIVROS NO BRASIL HOLANDÊS E SEU SIGNIFICADO PARA OBREIROS EVANGÉLICOS BRASILEIROS\*

## THE BOOKS IN DUTCH BRAZIL AND THEIR IMPORTANCE FOR BRAZILIAN EVANGELICAL CHURCH WORKERS

**Frans Leonard Schalkwijk**

Professor de História da Igreja na Faculdade Internacional de Teologia Reformada.

E-mail: [flschalkwijk@solcon.nl](mailto:flschalkwijk@solcon.nl)

\* Resumo de uma palestra proferida na Escola Superior de Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 8.11.2008.

---

## RESUMO

Os holandeses ocuparam o Nordeste brasileiro de 1630 até 1654. Junto com a invasão veio a Igreja Cristã Reformada, servida por uns 50 pastores e 100 “consoladores” (evangelistas). Trouxeram suas bíblias e muitos outros livros interessantes. Depois de uma breve descrição desses livros, o artigo atém-se à pergunta sobre qual seria a importância hoje em dia desses volumes antiquados para a sociedade em geral e, especialmente, para a Igreja e seus obreiros, apontando até mesmo para o Pacto da Graça.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Brasil holandês; Igreja Cristã Reformada; Livros gerais e religiosas; Bíblias; Catecismos.

---

## ABSTRACT

The Dutch occupied northeastern Brazil from 1630 till 1654. Together with the invasion came the Christian Reformed Church, which was served by some 50 pastors and 100 “comporters” (evangelists). They brought there bibles and many other interesting books with them. After a short description of these books, the article focusses its attention on the question what could be the importance of those antiquated volumes for today’s society, and for the Church and her servants, pointing especially to God’s alliance of grace.

---

## KEYWORDS

Dutch Brazil; Christian Reformed Church; General and religious books; Bibles; Catechisms.

# 1. INTRODUÇÃO

---

Desde que no ano 2008 se comemoravam os 200 anos da Imprensa Régia e de *O Correio Braziliense*, o primeiro jornal brasileiro (publicado curiosamente em Londres), o Dr. Hermisten Costa também focalizou sua atenção na imprensa no Brasil holandês. Este primeiro ensaio de instalar uma imprensa no Brasil, entretanto, não vingou, pois o mestre gráfico Pieter Jansz faleceu no Recife em 1643. A Companhia das Índias Ocidentais continuou tentando, mormente para reduzir as despesas dos editais, mas a revolta luso-brasileira (1645) colocou definitivamente um ponto atrás do projeto.

Sendo a corte do conhecido governador João Maurício de Nassau e a própria Igreja Reformada fenômenos dentro do movimento renascentista, não é de estranhar que, durante aquele *Tempo dos flamengos* (MELLO, 1947), os frutos da imprensa abundaram no “Brasil holandês”. Mas qual seria o interesse desses volumes antiquados mais do que puramente histórico para uma escola de teologia numa metrópole brasileira no século XXI? Assim surgiu o tema da palestra: “A imprensa e os livros no Recife holandês (1645) e seu significado atual para obreiros evangélicos brasileiros”.

## 2. BRASIL HOLANDÊS (1630-1654)

---

Para entender a situação geopolítica naquele tempo, devíamos lembrar que, de 1580 até 1640, Portugal e suas colônias faziam parte do imenso império espanhol, sob o qual o sol nunca se punha. Foi exatamente a época em que as províncias nos Países Baixos tentavam se libertar da hegemonia opressiva castelhana numa guerra de libertação que durava 80 anos (1568-1648). Assim, sem querer, o Brasil ficou envolvido nessa “primeira guerra mundial” (BOXER, 1961).

Grande parte das riquezas com que o rei da Espanha custeava as suas guerras veio pelo Atlântico, riquezas trazidas das Américas. Na Holanda, a Companhia das Índias Ocidentais (1621) foi o instrumento cooperativo organizado para tentar

“fechar as veias do rei”, capturando a preciosa carga e até mesmo tentando ocupar parte do seu império ultramarino. Assim o Brasil foi invadido, primeiramente numa curta ocupação da Bahia (1624-1625), e depois, durante quase um quarto de século, do Nordeste (1630-1654).

Os moradores luso-brasileiros reagiram à ocupação: primeiramente sete anos de resistência, seguidos por oito anos de resignação, finalizando com nove anos de guerra de restauração. No período de relativa paz, o governador era o famoso João Maurício de Nassau-Siegen (1637-1644). A sua corte se tornou o centro cultural da colônia onde, mormente durante a época das chuvas, se desenvolveram muitas atividades, como poesia e pintura (VALLADARES; MELLO, 1981), etnografia e teologia, astronomia e cartografia, zoologia e botânica. Artistas, guardas, secretários e escravos trabalhavam nessa corte do conde que, ao mesmo tempo, era o representante mais ilustre de sua igreja.

Era a “Igreja Cristã Reformada”. Já no nome, ela confessava ser uma igreja cristã *reformada*, e a forma original tinha sido *deformada*. Por isso não hesitava em usar o nome de católica (geral), não “católica romana”, mas sim “católica reformada”. Essa consciência generalizada consta aliás no livrete pelo qual um soldado português, o Almeida, se tinha convertido à Reforma protestante, posteriormente publicado por ele: “como Diferença [...] entre a velha doutrina e a nova romana”<sup>1</sup>.

Essa igreja reformada era a igreja do Estado nos Países Baixos e, então, também no Brasil holandês (SCHALKWIJK, 2004a, p. 281 et seq.). Nesse século não havia ainda a separação entre Igreja e Estado, mas nos vários países havia igrejas do Estado, cada uma com seu grau de domínio. Assim, no Nordeste não seria uma igreja do Estado com inquisição como na Ibéria, que usava o braço forte oficial e não permitia dissidentes no seu domínio geográfico. Mas, no Nordeste, o governo usava de moderação, garantindo liberdade religiosa moderada para sua igreja oficial de cristãos reformados, e restrição

---

<sup>1</sup> Em D’Almeida (1684), clara e sumariamente se compreende a grande e notoria desconformidade que há entre a verdadeira e antiga doutrina de Deus que por todo o mundo se ensina na Santa Igreja Cristã, Católica Apostólica Reformada, e entre a nova doutrina dos homes que comumente hoje se ensina e se mantém na Igreja Romana.

moderada para os dissidentes, ou seja, judeus e católicos romanos. Os obreiros da igreja reformada eram serventes públicos, pagos pelo próprio governo: predicantes (pastores), consoladores (evangelistas) e mestres-escolas, servindo umas 22 igrejas e congregações locais na região ocupada.

### 3. LIVROS GERAIS

---

Como já observamos, a tentativa de instalar uma gráfica no Recife não logrou êxito, mas havia muitos livros importados no Nordeste. Encontramos provas disso nas listas de livros colocados nos baús dos obreiros eclesiásticos que zarpavam com destino ao Brasil. Mas existe também uma relação longa de 29 publicações encontradas no ano 1645 no armazém da Companhia no Recife, além de referências avulsas nas correspondências com a pátria, mormente com os presbitérios (“classes”) de Amsterdã e da Ilha de Walcheren.

Já antes da invasão na Bahia, notamos 12 títulos para os “consoladores”, como bíblias, saltérios e apostilhas (sermões). E na medida em que a conquista aumentou, foram pedidos mais livros, até mesmo para as fortalezas. A lista de 1645 mostra que havia muitos livros de cultura geral, como cartilhas e publicações sobre a casa de Orange-Nassau; também títulos latinos, gramáticas gregas etc. É que o ensino primário floresceu e havia uma “escola latina” em Paraíba fundada pelo reverendo Pedro Doornick. O governo tentou abrir uma escola latina no Recife também, mas o diretor Bartholomeus Colius não conseguiu arrebatar alunos. E o sonho de fundar uma “escola ilustre” (faculdade) para formar seus próprios pastores *made in Brazil* não se concretizou.

### 4. LIVROS RELIGIOSOS

---

#### 4.1. BÍBLIA

---

Entre os livros religiosos, deve ser mencionado em primeiro lugar a Bíblia. Não é de estranhar, pois o grande adágio humanístico do renascimento tinha sido *Ad fontes*, de

volta às fontes da civilização cristã, a Bíblia. O estudo das línguas hebraica e grega tinha resultado em muitas traduções e publicações. Nas listas preservadas, a Bíblia sempre aparece em primeiro lugar, menos na lista de 1645 onde a sequência é pelo total de exemplares encontrados. Nessa altura, as bíblias disponíveis devem ser na “Tradução dos Estados” (*Statenvertaling*, 1637), ou seja, a versão feita por ordem dos “Estados Gerais”, o governo central das províncias unidas dos Países Baixos.

Foram importadas também bíblias para os moradores portugueses. Mas não sabemos qual a tradução delas. Em 1636, o pastor Jodocus Stetten, alemão, pediu à Companhia umas bíblias realmente em português, impressas em Lisboa, porque as bíblias em castelhano aqui não servem. É que eles tinham enviado bíblias em espanhol, provavelmente a tradução de Cassiodoro de Reina (1622). Também, em 1645, na relação de livros no armazém recifense constam 84 Novos Testamentos espanhóis a 80 centavos. Por mais que esses gideões internacionais quisessem, não conseguiram cópias de uma tradução portuguesa, pois as partes do Novo Testamento português publicadas por ordem de Dona Leonor de Portugal ou a tradução por Gonçalo Garcia eram muito raras. Infelizmente, os que tinham a bela língua de Camões como sua fala materna haveriam de esperar pelo ex-soldado, agora pastor da igreja lusa em Jacarta (Indonésia), João Ferreira de Almeida, que se tornaria “consolador” no ano da expulsão dos holandeses do Nordeste (1654), e cuja tradução foi impressa em 1681.

---

## 4.2. CATECISMO DE HEIDELBERG

A Igreja Reformada nos Países Baixos tem três documentos confessionais específicos, sendo o Catecismo de Heidelberg (1563) o mais conhecido e importado no Nordeste brasileiro. Esse catecismo foi escrito numa época de grande perseguição dos protestantes pelos católicos romanos, e não é de estranhar que sua primeira pergunta seja: “Qual sua única consolação, tanto na vida como na morte?” E a resposta diz: ‘Que eu, com

corpo e alma, tanto na vida como na morte, não sou de mim mesmo, mas do meu fiel Salvador Jesus Cristo [...]”.

Já durante a breve ocupação da Bahia (1624-1625), cogitou-se traduzir esse catecismo para o português, e na reunião da “classe” (presbitério) de 1637 no Recife foi decidido enviar para Holanda, a fim de ser impresso, o *Breve resumo da religião cristã*, com algumas orações em espanhol, preparado pelo ex-frade espanhol reverendo Vincentius Joachimus Soler, pastor da Igreja Francesa no Recife, de onde o próprio Nassau era membro. Nascido em Valência, Espanha (1585?), frade dominicano ou agostiniano, deixou a batina e fugiu para a França. Depois de receber o *Satisfecit* da Academia teológica de Saumur, tornou-se pastor reformado na Normândia (1619), onde se casou. Entretanto, o governo francês expulsou os pastores estrangeiros (1634), especialmente de Normândia, e Soler fugiu para Holanda onde foi chamado para servir no Brasil (1636). Pelo seu grande interesse no trabalho missionário, tornou-se o “Pai da missão evangélica entre os brasileiros” (indígenas). Voltando para a Holanda em 1644, finalmente pastoreou a igreja “valã” (francesa) em Delft.

O manuscrito de Soler foi examinado pelo Presbitério de Amsterdã (1637), que decidiu que seria melhor usar o próprio Catecismo de Heidelberg e a Confissão Neerlandesa em espanhol, “para maior união das Igrejas no Brasil e na Pátria”. Ainda, lembrou-se de que já havia muitos catecismos impressos em espanhol, até três traduções, porém das quais duas continham muitos erros de tradução e de grafia. Por isso, o Presbitério pediu à Companhia que os comprasse e os enviasse ao Brasil. O que de certo ocorreu, pois na famosa lista de livros de 1645 constam 2.200 exemplares do catecismo espanhol! Será que enviaram o estoque errado, a tradução cheia de erros?

### 4.3. CATECISMO TRILÍNGUE

---

Mais um catecismo foi escrito, dessa vez no próprio Nordeste. O autor era o reverendo David Doreslaer, pastor

dos índios na região de Paraíba (SCHALKWIJK, 1997, p. 39-58). Era um pequeno livro com perguntas e respostas simples em tupi, português e holandês. O presbitério de Amsterdã, num surto de perfeccionismo e não levando em conta a situação missionária, não gostou do livrete simples, querendo o catecismo inteiro para esses indígenas seminômade. Porém, o pai do missionário o apoiou integralmente e cuidou até da impressão do opúsculo, enviando o lote para seu filho no sertão paraibano. Mas a remessa nunca chegou às suas mãos, pois a Companhia não queria arriscar uma briga com a Igreja e depositou o lote valioso no armazém, onde, em 1645, foram contados 2.951 exemplares, falados demais para serem usados, santos demais para serem queimados.

---

## 4.4. CONSOLAÇÃO DE ENFERMOS

Calvino havia incluído no Catecismo de Genebra um capítulo sobre “como se há de visitar os enfermos”(1559). Muitos seguiram o exemplo do grande reformador francês, como o belga Cornelis Hillenius. Ele fugiu da inquisição e se tornou pastor na Inglaterra numa igreja de refugiados holandeses, terminando seu ministério terrestre como pastor reformado em Roterdã. Nos dias da perseguição (1567), Hille escreveu, com muitas referências bíblicas, sua famosa *Consolação de enfermos; que é uma instrução na fé e o caminho da salvação, para morrer consoladamente (Ziekentroost)*. O pequeno consolador impresso chegou ao Brasil com os primeiros pregadores reformados e, em 1645, estava a venda por 90 centavos. Na Holanda, o livrete ficaria em destaque por 400 anos, muitas vezes incluído na Bíblia juntamente com os Salmos metrificados.

---

## 4.5. SALTÉRIO

A Reforma Protestante era um movimento com muito cântico congregacional, tanto nos cultos como na vida diária.

Os testes para os candidatos a “consolador” incluíam, além de leitura pública, uma prova de que sabiam cantar com voz firme os 150 “Salmos de Davi”. No armazém do Recife se encontravam, em 1645, muitos saltérios, em duas pilhas: *Psalmboeken* (em holandês) e *Psalmos*.

Aparentemente, a lista foi confeccionada com muita cautela, surgindo, então, a pergunta: qual a diferença entre as duas, sendo o preço igual (12 soldos cada saltério)? Uma pilha (*Psalmboeken*) era claramente em holandês. Será que a outra, os *Psalmos*, era de hinários em francês, inglês ou castelhano? Não pode ter sido a edição portuguesa dos *Salmos de Davi* preparada pelo reverendo Jacob op den Akker (que, como Almeida, era pastor em Jacarta), pois essa foi publicada somente em 1703. Mas, então, qual seria a diferença entre os dois lotes de saltérios, empilhados separadamente pelo cuidadoso escrivão da Companhia?

## 4.6. SERMÕES E ORAÇÕES

---

Havia também vários livros com mensagens bíblicas para os consoladores lerem nas reuniões diárias. Muito usados eram o *Livro de casa* (*Huysboeck*), do reformador suíço Heinrich Bullinger (1601), e *As apostilhas*, do alemão reverendo Abraham Schultes, este até no *Index* de livros proibidos pela cúria romana. Aos domingos à tarde, lia-se uma explicação do Catecismo de Heidelberg como *O livro tesouro* (*Schatboeck*) do pastor Festus Hommius (1622). Outros títulos preferidos eram *Sobre o arrependimento da vida* pelo capelão do Guilherme de Orange-Nassau, o francês Jean Taffin (1957), e publicações do conhecido pastor anglicano William Perkins (1662), como seu *Casos de consciência* e também seu famoso *Católico reformado* (PERKINS, 1605).

Além desses ajudantes valiosos para a pregação pelos consoladores, havia também vários livros com orações. Muitos opúsculos desse tipo (com citações bíblicas e preces para várias pessoas e ocasiões) foram publicados durante os primeiros sé-

culos da Reforma, como os do próprio Lutero e Calvino. Frequentemente usado era o *Livrinho de oração* pelo pastor Johannes Habermann (1634), natural de Boêmia e professor na Universidade de Wittenberg, cidade onde Lutero trabalhou por tantos anos.

## 4.7. LIVROS TEOLÓGICOS

Nos baús dos consoladores se encontravam também livros de estudos teológicos, como as *Institutas* por João Calvino, ou algum compêndio de teologia cristã reformada. E nas bibliotecas dos predicantes achamos outros títulos importantes. Assim, em 1635, o reverendo Stetten perdeu sua biblioteca, sendo ela destruída pela guerrilha portuguesa, e então pediu à Companhia alguns comentários sobre o Velho e o Novo Testamentos, mas também uma *Ordem eclesiástica* e as atas do Sínodo de Dordt. No Recife havia até uma pequena biblioteca teológica da Companhia, até mesmo para o preparo dos proponentes, ou seja, candidatos para o ministério, como o jovem inglês Thomas Kemp e o velho espanhol Dionísio Biscareto.

A pedido do governo no Recife, a Holanda enviou também alguns livros apologéticos para uso entre os portugueses, como *Dos tratados do papa*, por Lutero (1545), e o importante *Carrascon*<sup>2</sup>. Escrito em espanhol, tinha sido publicado na Holanda em 1633 pelo erudito fidalgo Fernando de Texeda, cristão católico reformado, filho de Castela, exilado por sua fé. O conteúdo parecia com o já citado livro do inglês puritano William Perkins, *Católico reformado*, que não ensinava a ter medo da Igreja Católica, mas sim da romana, com seus desvios da Bíblia e sua sede de poder, herdada da antiga Roma. Exatamente por causa da tese de que um protestante era na verdade um “católico reformado”, causou muitas discussões entre os “morado-

---

<sup>2</sup> Thomas Carrascon, pseudônimo de Fernando de Texeda.

res” lusos e foi combatido vigorosamente pelo padre frei Manuel Calado do Salvador (1942), como menciona no seu *Valeroso Lucideno*.

## 5. SIGNIFICADO GERAL: RENOVAÇÃO DA ALIANÇA DA GRAÇA

---

Agora, pensando sobre a pergunta: “Qual seria a importância desses livros antigos para hoje?”, distinguimos um significado evangélico geral para nossa cultura e igrejas e, depois, um significado especial para obreiros.

### 5.1. VISÃO HOLÍSTICA

---

Em primeiro lugar, devíamos nos lembrar de que esses livros (menos a Bíblia) datam dos séculos XVI e XVII, antes do tempo do Iluminismo no século XVIII, que, com seu racionalismo, fomentaria o divórcio entre o setor religioso e o secular, levando a um humanismo completamente secular ou até ateuista, inconcebível para os humanistas antigos do Renascimento. Mas, no tempo em que esses autores viviam, a vida no mundo ocidental era ainda mais homogênea, e todos nessa cultura cristã constantina reconheciam a soberania de Deus, herança da Idade Média (-1500). Além disso, por serem produtos dentro da Reforma Protestante (1517-), esses livros eram, então, publicações dentro do movimento *ad fontes* que, gratas pela herança recebida, procuravam reformar a Igreja e a sociedade conforme padrões bíblicos. Mais ainda, por serem livros selecionados por pastores reformados no século XVII, eles se encaixavam num movimento complementar que reconheceu que, sim, a doutrina tinha sido reformada, mas contra a intenção expressa dos reformadores Lutero e Calvino, mas a vida diária não tinha sido purificada suficientemente. Agora a *credenda* (o que deve ser crido) e a *agenda* (o que deve ser feito) deviam ser

mais sincronizadas! Essa segunda onda reformista tinha nascido dentro da Igreja do Estado da Inglaterra, a anglicana (1550); depois começou influenciar a Holanda (1600), chegando finalmente à Alemanha (1650). De fato, movimentos migram. Na Inglaterra, o nome usado geralmente para esse movimento é puritanismo, na Alemanha pietismo, e na Holanda reforma acurada (ou reforma complementar, *naderre reformatie*), mas também puritanismo ou pietismo holandês conforme as características mais específicas dos representantes. Todos eles defendiam como *credenda* a ortodoxia e, como *agenda*, a ortopraxia, ou seja, ambas, doutrina e vida, deviam obedecer às normas bíblicas.

## 5.2. SETORES DA VIDA

---

Essa visão reformada não olhava somente para a Igreja, mas tinha em mente toda a sociedade na sua complexidade, pois Deus é o Criador, e por isso também o Legislador (Is 33:22). Até reis estão sujeitos a Ele. O teólogo escocês Samuel Rutherford (1644) formulou isso claramente nessa época de crescente absolutismo monárquico: não *rex lex*, mas *lex rex*, não “o rei é a lei”, mas “a lei é o rei”<sup>3</sup>. Isso se aplica a todos os setores da vida, tanto na família como na igreja, tanto na sociedade como no Estado. Deus é o Rei supremo, na terra somente há vice-reis. Na medida em que as autoridades constituídas são mais obedientes à vontade revelada de Deus, mormente nos Dez Mandamentos (TEELLINCK, 1639), seus súditos serão mais felizes.

O usurpador, entretanto, sempre está passeando pela terra (Jó 1:7), fazendo e executando planos para estragar almas, famílias, igrejas, sociedades, Estados, mundo. E na vila rodeia a casa pastoral até duas vezes. O maligno pode tentar estragar a obra de Deus, injetando veneno em todos os setores da vida, mas Cristo veio para destruir as obras do diabo (1Jo 3:8)!

---

<sup>3</sup> Rutherford era um dos oito representantes escoceses na Assembleia de Westminster (1643).

## 5.3. CONVERSÃO = RENOVAÇÃO DA ALIANÇA

---

Seguindo as Escrituras Sagradas, a relação entre Deus e o homem muitas vezes era descrita como um pacto, uma aliança (MEISTER, 1998, p. 110; 1999, p. 89). Até no Paraíso existiu um pacto (o “pacto das obras”), mas, infelizmente, Adão abandonou essa aliança, rebelando-se contra a santa Lei do Senhor (Os 6:7; 8:1). Porém, Deus o procurou e incluiu-o e a seus descendentes na “aliança da graça”. Por isso, do lado humano, a conversão é como uma “renovação da aliança” com Deus<sup>4</sup>. Esse é o verdadeiro avivamento, obra do Espírito Santo. Ele trabalha nos corações para nos levar a uma conversão sincera, voltar para com Deus numa conversão primária (inicial), mas também “diária” (santificação) (TAFFIN, 1597).

Conversão em primeiro lugar para com Deus (vertical), e, como consequência, essa conversão deve mostrar-se para com nossos semelhantes (horizontal). A bússola da nossa consciência deve ser afinada (PERKINS, 1662)<sup>5</sup>, em todas as áreas da vida diária. No lar para com a esposa e os filhos (Mt 2:14; 4:6), resistindo a ondas de pecado que inundam o mundo (incluindo a do divórcio hoje em dia, pois separação é como rasgar a criança pelo meio).

## 5.4. IGREJA RENOVADA

---

Mormente a Igreja (naqueles dias a reformada do Estado, hoje todas as “denominações”) precisa urgentemente dessa renovação, e até regularmente como o serviço de manutenção. A

---

<sup>4</sup> Cf. renovações da aliança no Velho Testamento: Josué em Gilgal (“Rolândia”), Js 5; Juízes em Boquim (= chorando), Jz 2:5; Ezequias, 2 Cr 29; Josias, 2 Cr 34 (Palavra); Esdras, Ed 6:19; Ne 8. O Novo Testamento é o livro da renovação da aliança por excelência, celebrando a “nova aliança” (Hb 12:24).

<sup>5</sup> Ao longo da história do puritanismo, a introspecção pessoal e o sondar da consciência, às vezes, levaram a uma situação espiritual muito negativa e sombria. E a grande ênfase na ortodoxia e na ortopraxia levava, às vezes, a um certo legalismo. “Olhar demais para sua consciência pode fazer perder a alegria da salvação. Olhemos mais para o Salvador” (Hb 3:1)!

própria Reforma era uma “renovação da aliança”, e aquela consciência de ser a “Igreja católica reformada” ainda é muitíssimo importante, até o dia de hoje, para manter a nossa ecle-siologia “denominacional” em comunhão com a Igreja de Cristo em geral<sup>6</sup>. E não é a celebração da santa ceia uma “re-novação da aliança” (Mt 26:28), e não seria o “aniversário” da igreja um momento importante nesse sentido (como 12/8 para a presbiteriana)?

Uma verdadeira renovação não muda necessariamente as estruturas (frequentemente também estas), mas é muito mais um redirecionamento para com nosso Polo Norte espiri-tual, o Senhor e a Sua palavra. E isso em todos os ministérios da Igreja (At 2:42-47). Assim a “nossa” igreja será mais uma verdadeira “igreja de Cristo”, uma comunidade (*koinonia*), uma família da fé ao redor da cruz (Ef 2:19).

Sua *liturgia* será mais autêntica, de coração, em primei-ro lugar nos próprios cultos, mas a nossa vida será mais inte-gral, durante a semana fazendo tudo para a glória de Deus (Rm 12:1). Seu ensino, a *didascalia*, será mais bíblico, convi-dativo e nutritivo expondo todo o desígnio de Deus (At 20:27). Seu pastorado, a *poimēnia*, será mais conforme aos métodos do Bom Pastor (Jo 10:11). Sua *diaconia* será mais um ministério voltado para os necessitados, com muito discerni-mento (At 6:3)<sup>7</sup>. E em todos esses aspectos da igreja local bri-lhará sua visão missionária, a *missiologia*, que de fato alcance as ovelhas fora do aprisco com assistência, visitação, palavra, lou-vor e basicamente com o amor de Cristo, derramado em nos-sos corações pelo Espírito Santo, que nos une como comuni-dade dos santos (Rm 5:5; 2 Co 5:14).

---

<sup>6</sup> Assim o conhecido anglicano puritano, “teólogo do Espírito Santo”, John Owen foi caracterizado por Carl R. Trueman como *John Owen, reformed catholic renaissance man* (Aldershot: Ashgate, 2007).

<sup>7</sup> O pastor presbiteriano R. C. Sproul (1996) formulou esse dever de uma maneira interessante: a) os que são pobres por causa da preguiça, esses precisam de admoestação (como Pv 6:6; 2 Ts 3:10); b) os que são pobres por causa de acidentes, doença, calamidades etc., esses precisam da nossa assistência; c) os que são pobres porque são explorados por patrões ou governos, esses precisam da nossa defesa; d) finalmente, os que são pobres por vontade própria, para poder dar mais a outros, esses merecem nossa aprovação. Gandhi disse uma vez: “A pergunta se eu tenho o que comer é um assunto material, mas se meu vizinho tem o que comer é um assunto espiritual” (2 Co 8:9).

## 5.5. TAMBÉM RENOVAÇÃO NA SOCIEDADE?

---

A “renovação da aliança da graça” na sociedade e no Estado é bem mais difícil, apesar de a maioria dizer ser “cristã”. Aí fica mais claro que essa graça tem dois lados, a graça *geral* que faz subir o sol sobre toda a humanidade para o cumprimento do seu mandato cultural (Gn 2:15) e a graça *especial* que regenera os corações. Mas os dois aspectos são intrinsecamente ligados, pois Cristo é o Mediador da graça em todos seus aspectos. Um elemento importante dessa graça é quando a Lei do Senhor (tão claramente revelada no Decálogo e no mandamento de amor para com Deus e para os homens, Mt 22) é proclamada fielmente também na praça pública. Pois a obediência a ela é para o bem do povo. Essa era, e ainda é, a convicção da igreja reformada, apesar das críticas.

Nessa altura, alguém talvez se lembre da tese de Max Weber (1967) de que o capitalismo seria o filho do calvinismo, então duvidando muito do benefício desses ensinamentos reformados para a sociedade em geral. A realidade, porém, é que o capitalismo tem raízes mais profundas, bem antes da Reforma Protestante<sup>8</sup>. E, curiosamente, o capitalismo foi usado na confecção do estopim da própria Reforma, o que foi representado pela venda de indulgências<sup>9</sup>.

Além disso, a verdade é que o capitalismo foi refreado pelo calvinismo (BIÉLER, 1990). Durante 20 dos 52 do-

---

<sup>8</sup> O capitalismo emergente tinha seu berço nas cidades portuárias italianas (por exemplo, moedas medievais tinham nomes italianos: ducado de duque, florim de Florença) (SOMBART, 1915; FANFANI, [s. d.]).

<sup>9</sup> O arcebispo Albrecht, arcebispo de Mainz etc., tomou 10 mil ducados emprestados da casa Fugger, banqueiros católicos romanos no sul da Alemanha (comerciantes desde o século XIV), para poder pagar ao papa Leão X (que precisava de fundos para custear a construção da basílica de São Pedro) a “composição” que devia para poder assumir seus cargos eclesiásticos. O dinheiro foi levantado com a venda de “indulgências” (cartas de perdão), vendidas entre outros pelo monge dominicano eloquente João Tetzel. O monge agostiniano Martinho Lutero, professor da Universidade de Wittenberg, se opôs ao abuso das indulgências nas suas “95 Teses” (31.10.1517), considerado o início da Reforma Protestante.

mingos do ano, a pregação nas igrejas reformadas na Holanda era dedicada à ética porque, no Catecismo de Heidelberg, 20 dos 52 capítulos (“Domingos”) tratavam desse assunto. Falando sobre o “não matar”, ensinava que “previnamos o dano ao próximo na medida de possível”. E sobre o “não roubar”, rezava:

Deus proíbe não somente o furto e o roubo, que as autoridades civis punem, mas classifica também como roubo todos os artifícios e esquemas ímpios pelos quais procuramos apropriar-nos para nós mesmos dos bens do nosso próximo, seja pela força ou sob o pretexto de direito, tais como falsos pesos e medidas, anúncios ou mercadorias enganosos, dinheiro falso, juros exorbitantes, ou quaisquer outros meios ilícitos. Proíbe igualmente a cobiça, bem como o mau uso e desperdício dos seus dons.

Acrescentava ainda:

(Deus manda) que eu trabalhe para o bem do meu próximo (em qualquer lugar que possa e deva), que trate com ele como desejaria que outros me tratassem, e que faça bem o meu trabalho para que eu seja capaz de ajudar os pobres em suas necessidades<sup>10</sup>.

Conhecendo o ensino ético socioeconômico da Igreja Cristã Reformada, incluindo as penalidades eclesiásticas previstas e frequentemente aplicadas aos infratores, parece historicamente difícil considerá-la promotora do capitalismo. O objetivo do ensino escolar não é formar ladrões, mas inevitavelmente ladrões saem mais espertos depois da escola. Da mesma forma, não se pode culpar o exército por formar pistoleiros.

Além disso, temos de reconhecer que havia aspectos, como o zelo e a frugalidade reformada, ou o seu resultado, que podiam ser exorbitados, e assim servir de estímulo para o crescimento do capitalismo. A Igreja alertava sobre os perigos e abusos. Por essa razão foi considerada como intrometida. Provavelmente, ela deveria ter visto mais claramente os perigos

---

<sup>10</sup> *Catecismo de Heidelberg*, domingo 40 e 42.

que poderiam levar a um capitalismo desenfreado<sup>11</sup>. É lamentável observar que esses perigos apareciam mais entre os ricos mercadores que formavam a aristocracia governamental, em grande parte pertencentes aos “arminianos”. O primeiro a tentar abafar a voz da Igreja em seu rigoroso combate contra os excessos econômicos da época foi o grande jurista Hugo Grotius.

Finalmente, já ficou claro que, na esfera governamental, os pastores frequentemente tinham de admoestar os “políticos” sobre desvios das normas divinas, sabendo que “o efeito da justiça será a paz” (Is 32:17)<sup>12</sup>, também na praça pública. Viver na aliança da graça não é uma utopia, mas uma bênção para os descendentes sofrendores de Adão e Eva, tão longe do Paraíso.

## 6. SIGNIFICADO PARA OBREIROS: RENOVAÇÃO DA ALIANÇA DE LEVI

---

### 6.1. OBREIROS

---

O apelo para viver dentro da aliança da graça, tanto na ortodoxia como na ortopraxia, se aplica a todos, mormente à noiva da aliança, a igreja de Cristo, e nela especialmente os servos da aliança. Os livros daquela época refletiam esse apelo<sup>13</sup>. Com muita razão o puritano inglês William Perkins (1600) tinha enfatizado, em primeiro lugar para si mesmo: “*Thou art a minister of the Word; mind your business*”, sempre usando como lembrete a sigla V.D.M., *Verbi Divini Minister*, que honra e que responsabilidade<sup>14</sup>! Nos Países Baixos, um dos

---

<sup>11</sup> De acordo com Nijkamp e Nijkamp-Van Doornik e Nijkamp (apud RYKEN, 1992): “existe o perigo de que a ética cristã do trabalho se arranque da aliança mais profunda com Deus, e continue a viver uma vida autônoma como ambição progressiva secularizada”.

<sup>12</sup> Para uma explicação da fotografia da propaganda política no muro, ver Schalkwijk (2004b, cap. 22).

<sup>13</sup> O livro conhecido do pastor anglicano puritano Richard Baxter, *O pastor reformado*, não chegou ao Brasil, porque os holandeses tinham sido expulsos dois anos antes da sua publicação (1656).

<sup>14</sup> Perkins era professor em Cambridge (1584-1594), foco do movimento puritano dentro da igreja anglicana. “Você é um ministro da Palavra. Cuide da tua profissão!” Segundo Goeters (1974, p. 27), “o calor religioso e a vivacidade dos puritanos têm sido notados freqüentemente, de uma maneira vivificante e orientadora, [...] a formação da vida pessoal e civil [...]”.

líderes da “reforma acurada” era o pastor Gisberto Voetius, professor de teologia na universidade de Utrecht (1634-1676), homem de grande interesse missionário, eclesiástico e secular pelo Brasil<sup>15</sup>. A sua oração inaugural em Utrecht tinha como tema e título *De Pietate cum Scientia Coniugenda*, ou seja, “Piedade a ser combinada com ciência”<sup>16</sup>. Não trabalhou somente em nível acadêmico, mas também escreveu livros para o povo cristão reformado, como *Prática da Piedade (Praxis Pietatis)* (VOETIUS, 1976).

Vários pastores que vieram para o Nordeste tinham estudado com ele, e a sua influência se fez sentir no presbitério, mormente a partir da reunião da classe de 1636. A praxe era fazer a *Censura Morum* no encerramento do presbitério, uma verificação se alguma admoestação fraterna era necessária (e, às vezes, era, em razão do abuso do álcool (SOUTERIUS, 1623)). E, anualmente, os “deputados clássicos” (geralmente dois pastores mais experimentados) deviam fazer a “visitação classical” nas igrejas regionais.

---

## 6.2. LEVITAS

Havia uma consciência de que obreiros eclesiásticos deviam se santificar como os levitas no Velho Testamento servindo no tabernáculo, a casa do Senhor. Essa consciência estava patente até quando, mais tarde, esse movimento de santificação chegou à América do Norte. Ali, um dos pais do “Grande Avivamento”, reverendo William Tennent, que preparava pastores no seu Log College, orava sempre pela “santificação do filhos de Levi”<sup>17</sup>. E, de fato, mormente mi-

---

<sup>15</sup> Sobre a visão missionária de Voetius, ver Schalkwijk (2000).

<sup>16</sup> Uma nova edição de texto latino e holandês com notas foi publicada por A. de Groot, que com razão afirma: “(a esse tema, Voetius) permaneceu fiel (todos) os anos, e de uma maneira tão impressionante, que a vida acadêmica de Utrecht sentiu a influência disto durante meio século”. Voetius influenciou inclusive sobre o conde João Maurício de Nassau-Siegen e seu médico, Dr. G. Piso.

<sup>17</sup> Um dos seus filhos e estudante do Log College era o jovem pastor presbiteriano Gilberto Tennent, muito influenciado (1633) pelo pastor de uma Igreja Reformada holandesa, “dominee” Teodoro Freylinghuisen. No Brasil o movimento chegaria com os missionários americanos presbiterianos no século XIX.

nistros de Cristo (1Co 4:1, 2) precisam renovar sua aliança com Deus. Ele os chamou para serem servos dessa aliança da graça e até fez uma aliança complementar com eles, a Aliança de Levi (Mal 2:7, 8). É uma bênção especial, um privilégio enorme para eles.

No mesmo tempo, devem se lembrar de que dar é melhor do que receber (At 20:35), pois servos do Senhor são chamados a fim de que *outros* recebam uma bênção. Por isso o Senhor lhes ensina para, pelo menos, não ser uma maldição, orando com Davi: “Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em Ti, ó Senhor” (Sl 69:6). Esse salmo é um salmo messiânico (vv 9:21)! E se o grande Servo do Senhor tinha de orar isso, quanto mais nós, seus servozinhos! Eles não devem seguir a multidão a fazer mal, mas imitar a Cristo (Ex 23.2; 1 Cor 11:1). Ele foi prefigurado na Lei litúrgica do Velho Testamento, como se fosse uma sombra lançada pelo Cordeiro de Deus que estava se aproximando (Cl 2:17; Hb 8:5). Quando Ele chegou, a sombra terminou, mas seu cumprimento não aboliu a importância desses quadros educativos!

### 6.3. ESCOLA DOS ABENÇOADORES

---

Em Levítico 8 e 9, o Senhor nos leva para dentro da escola dos abençoadores e diz para prestar muita atenção (Rm 15:4). Um dos primeiros passos na preparação dos obreiros é a sua *purificação* (Lv 8:22, 23). Por ordem do Senhor, Moisés coloca um pouco de sangue sobre a ponta da orelha direita de Arão e seus quatro filhos. É como o sangue na porta da sua casa. Depois também no polegar da sua mão direita: o seu instrumento mais importante marcado pelo sangue. E finalmente, umas gotas sobre o dedo maior do seu pé direito. De fato, somente sobre umas partes do corpo, mas é um *pars pro toto*: tudo o que ele pensar, fizer e por onde andar debaixo do sangue do Cordeiro. Purificado como somente também um leproso (Lv 14:14). Mas, como a pessoa que se considera boa demais para receber essa purifi-

cação integral (2 Co 7:1) poderia ser uma bênção sem essa purificação? Seria fonte de contaminação.

Num segundo passo simbólico (*dedicação*), Moisés coloca um bom “churrasco” e uns bolos nas mãos estendidas de Arão e filhos. Eles levantam essas ofertas, movem os braços como oferecendo-as ao Senhor e tudo é posto no altar. Sim, é somente Deus que coloca seus dons nas nossas mãos, mas o destino deles é o altar. Obreiro, o que tens que não tenhas recebido (1Co 4:7)? Você não entende que autoglorificação somente atrapalha o seu ministério de ser uma bênção?

Uma terceira cena, a *unção* (Lv 8:30), começa mais humilhante talvez, porque até as batas brancas que os candidatos usam precisam de umas gotas de sangue, decerto porque já ficaram contaminadas na hora de serem colocadas nos ombros de pecadores. Mas logo em seguida vem a consolação: umas gotas de um perfume delicioso, a unção do Espírito Santo para poder fazer aquele serviço difícil. Sem esse perfume celestial, exalamos um cheiro desagradável. Por que quem poderia ser um perfume de Cristo por si mesmo? (2 Cor 2:15, 16). A nossa suficiência vem de Deus (2 Cr 3:5)!

Quem está pensando que agora estaria pronto para a obra, se enganou, porque Moisés mandou os futuros abençoadores a estudar a Palavra de Deus (*meditação*, Lv 8:35). *Verbi Divini Ministri* devem estar cheios da Palavra de Deus e “não ultrapassar o que está escrito” (1 Cr 4:6). Pois como podiam ser uma bênção com palavras vazias?

Era uma pantomima silenciosa, quatro atos num teatro santo, como se fossem quatro classes de uma escola primária, indispensáveis como base. E é como se o Espírito Santo nos olhasse sondando onde paramos nesse curso de reciclagem. Mas, no final de toda aquela cerimônia complexa, Moisés e Arão entram no santuário para orar e, quando voltam, estendem as mãos sobre o povo abençoando-o. Em frente deles aquele povo difícil, mas atrás deles a glória do Senhor! É que Deus nos chamou para *sermos* uma bênção, não para *verem* a bênção. Isso vem somente quando entramos nos tabernáculos eternos...

Renovando a Aliança de Levi, obreiros cansados se lembram: “A alegria do Senhor é a vossa força!” (Ne 8:10), e cantam um dos Salmos de Davi, juntos com os obreiros reformados no Brasil holandês:

- |  |  |
|--|--|
| 1. Ó povos todos jubilai,<br>Servi a Deus e Lhe cantai.<br>Apresentai-vos ao SENHOR,<br>Com cânticos ao seu louvor.        | 2. Sabei que o SENHOR é Deus,<br>Ele nos fez e somos seus.<br>Seu povo apascentará<br>Como rebanho o guiará. |
| 3. Por suas portas vinde, entrai<br>No templo seu, hinos cantai.<br>E rendei graças ao SENHOR,<br>O nome seu é resplendor. | 4. Pois o SENHOR é Deus fiel,<br>Lembrando-se de Israel;<br>De geração em geração<br>Perdura Sua compaixão.  |

(Salmo 100; melodia Majestade, *Salmos e Hinos* 17)

## REFERÊNCIAS

---

- BIÉLER, A. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- BULLINGER, J. H. *Vijf Decades, dat is Vijftich Sermoonen...* 1601. 50 sermões. Mimeografado.
- BOXER, C. R. *Os holandeses no Brasil, 1624-1654*. São Paulo: Editora Nacional, 1961.
- D'ALMEIDA, J. F. *Diferencia d'a Christandade*. 2. ed. Nova Batavia: Van den Eede, 1684.
- FANFANI, A. *Capitalismo, catolicismo, protestantismo*. São Paulo: Aster, Flamboyant, [s. d.].
- GOETERS, W. *Lie Vorbereitung des Pietismus in der reformierten Kirche der Nederland bis zur Labadistischen Krisis 1670*. Amsterdam. Bolland, 1974.

HABERMANN, J. *Bet-Buechlein* (1567); versão holandesa: J. Haverman, *Christelijcke gebeden* (1634).

HILLE, C. van. *Den Sieken Troost; Twelk is een onderwysinge inden gheloove, ende den wech der salicheyt; om ghewillichlich te sterven* (1567, etc.; inúmeras publicações).

HOMMIUS, F. *Het Schat-Boeck der Verklaringhen over de Catechismus...* Leyden: Clouck, (1622).

LUTHER, M. *Wider das Papsttum*. ZU Rom, vom Ieufel gestiftet. In: D. Martin Luthers Werke. Kritische Gesamtausgabe. Weimar: Boehlaus, 1928. p. 195-299.

MEISTER, M. Uma breve introdução ao estudo do pacto, parte I. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 110, jan./jun., 1998.

\_\_\_\_\_. Uma breve introdução ao estudo do pacto, parte II. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 89, jan./jun. 1999.

MELLO, J. A. G. *Tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

NIJKAMP VAN-DOORNIK; NIJKAMP, P. De Weberthese. Verleden en Heden. In: *Radix* I (Amsterdam; A tese de Weber, passado e presente). p. 6-24, 1967.

OWEN, J. *Rreformed catholic renaissance man*. Aldershot: Ashgate, 2007.

PERKINS, W. *Een Ghereformeert Catholijck, ofte Eene Verclaringhe verthoonende hoe naer dat wij de tegenwoordige Romsche Kerche comen mogen in versheyden stucken van Religie; ende waer in wij van de selve eeuwichlijck afscheyden moeten*. Amsterdam: Cloppenburch, 1605. Tradução de *A Reformed Catholike*, 1597.

\_\_\_\_\_. Een volle Verhandeling van de gevallen der Conscientie. In: *Alle de Werken van Mr. William Perkins*, III 116-267. Amsterdam: Van Zomeren, 1662.

RYKEN, L. *Santos no mundo*. São José dos Campos: Fiel, 1992.

RUTHERFORD, S. *Lex Rex, a dispute for the just prerogative of King and People*. London: John Field, 1644.

SALVADOR, M. C. do. *Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*. Recife: Cultura Intelectual de Pernambuco, 1942.

SCHALKWIJK, F. L. Índios evangélicos no Brasil holandês. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 2/1, p. 39-58, 1997.

\_\_\_\_\_. *Missiologia reformada na época do Brasil holandês*. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2000.

\_\_\_\_\_. *Igreja e Estado no Brasil holandês*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Confissão de um peregrino*. Viçosa: Ultimato, 2004b.

SOMBART, W. *The quintessence of capitalism*. New York: Dutton, 1915.

SPROUL, R. C. *Now, that's a good question*. Wheaton: Tyndale, 1996.

SOUTERIUS, D. *Nuchteren Loth; Ló Sóbrio*. Sermões contra a embriaguêz. 1623. Mimeografado.

TAFFIN, J. *Grondich Bericht van de Boetveerdicheyt des Levens*. Amsterdam: [s. n.], 1597.

TEELLINCK, M. *Grondighe Verclaringhe over de Thien Gheboden*; Explicação do Decálogo. 1639. Mimeografado.

VALLADARES, C. P.; MELLO, L. E. *Albert Eckhout, pintor de Maurício de Nassau no Brasil*. 1637-1644. Rio de Janeiro; Recife: Livro-Arte, 1981.

VOETIUS, G. *Meditatie over de ware praktijk*

der Godzaligheid of der Goede werken (1628). In:  
STEENBLOK, C. *Voetius, zijn leven en werken*. Gouda:  
Gereformeerde Pers, 1976. p. 141-185.

\_\_\_\_\_. *Inaugurele rede over 'Godzaligheid te verbinden met  
de Wetenschap' gehouden aan de Illustre School te Utrecht op de  
21ste augustus 1634*. Kampen: Kok, 1978.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Rio  
de Janeiro: Pioneira, 1967.